

MEMÓRIAS QUE CONSTITUEM A SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Memories Constituting Black Female Subjectivity in *Olhos d'água* by Conceição Evaristo

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira¹
<https://orcid.org/0000-0001-7485-5587> 

Ariane Avila Neto de Farias²
<https://orcid.org/0000-0002-9828-7980> 

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense, Jaguarão, RS, Brasil. 96300-000 – jg-depex@ifsul.edu.br

²Instituto Federal Farroupilha, Frederico Westphalen, RS, Brasil. 98400-000 – de.fw@iffarroupilha.edu.br

Resumo: O presente trabalho visa analisar o papel da memória na construção narrativa de mulheres negras, na literatura brasileira contemporânea, que têm suas trajetórias marcadas por reminiscências do passado. Nessa perspectiva, parte-se da reflexão de três contos, sendo esses “Olhos d’água”, “Duzu-Querença”, “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”, presentes na obra *Olhos d’água* (2016), de Conceição Evaristo. Entende-se, a partir da análise das mulheres presentes nessas narrativas, que há uma construção de personagens femininas que leva em consideração a sua herança ancestral, trazendo luz à importante discussão acerca da constituição de sujeitos marginalizados marcados por uma vida permeada pela dor, violência e pobreza. Evaristo mostra as marcas e consequências deixadas de múltiplas formas em suas complexas histórias. Esse estudo evidencia que essas narrativas refletem sujeitos que se manifestam a partir de suas raízes históricas, de um passado de exclusões sofridas, que se estendem ao presente e pavimentam o caminho para o futuro. Para tanto, tais reflexões serão realizadas tendo como base apontamentos de importantes teóricos, como Michael Pollak (1989), Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricoeur (2007), que discutem acerca da memória como forma de construção de identidades individuais e coletivas.

Palavras-chave: memória; Conceição Evaristo; ancestralidade; mulheres.

Abstract: This paper aims to analyze the role of memory in the narrative construction of Black women whose life trajectories are marked by reminiscences of the past. In this perspective, the study focuses on three short stories: “Olhos d’água”, “Duzu-Querença”, and “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, from the collection *Olhos d’água* (2016) by Conceição Evaristo. It is understood, from the analysis of the women presented by these narratives, that they feature female characters constructed with an emphasis on their ancestral heritage. This approach highlights the significant

discussion around the constitution of marginalized subjects, marked by lives permeated with pain, violence, and poverty. Evaristo brings to light the marks and consequences left in multiple forms within their complex histories. This study demonstrates that these narratives reflect subjects who manifest from their historical roots, from a past of suffered exclusions, extending into the present and paving the way for the future. For this analysis, the reflections will be based on insights from prominent theorists such as Michael Pollak (1989), Maurice Halbwachs (1990), and Paul Ricoeur (2007), who discuss memory as a means of constructing individual and collective identities.

Keywords: memory; Conceição Evaristo; ancestry; women.

Introdução

A literatura brasileira contemporânea, a partir da demanda por uma escuta sistemática de discursos voltados para a memória daqueles que tiveram suas histórias silenciadas, introduz um espaço para narrativas que destacam a história do sujeito feminino negro. Autoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Machado, Conceição Evaristo, Jarid Arraes são alguns exemplos de escritoras que tomam a literatura enquanto instrumento para se pensar, amplificar e valorizar a voz e a subjetividade da mulher negra, destacando suas inúmeras experiências.

Entende-se que nesse movimento o passado ressurge no presente de forma a apropriar-se do momento atual, evidenciando a memória viva daqueles que vivenciaram os acontecimentos. Nessa perspectiva, frente a um sistema literário que por muito tempo impôs o silêncio às mulheres negras, em narrativas por elas protagonizadas, à memória, então, cabe expressar as versões dessas de acontecimentos que encontram apoio na esfera pública, oferecendo suporte e certezas que a história oficial não consegue proporcionar ao grupo social envolto nas sombras de um passado conturbado e que sempre privilegiou a história daqueles que detinham o poder. A abertura para a construção de histórias que narram o eu, expondo a subjetividade feminina negra a partir de si mesma, transforma-se em uma importante ferramenta da memória, fundamental para a reconstituição desse passado.

Nesse contexto, é importante pontuar que refletir acerca de como a memória impacta na formação identitária dos sujeitos colabora para reafirmar a importância da revisitação ao passado no âmbito literário na medida em que esse é ferramenta de preservação das reminiscências coletivas. Ainda sobre a importância da preservação de memórias, Joel Candau (2023) aponta que a escrita contribui para esse processo, pois “A tradição escrita vai facilitar o trabalho dos portadores, guardiões e difusores da memória.” (Candau, 2023, p. 107), o que comprova o “poder memorial da escrita.” (Candau, 2023, p. 108). Além disso, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) afirma que a memória se constitui nas relações com outros grupos sociais, reais ou imaginários, sendo que acontecimentos são representados através da linguagem. Dessa forma, podemos relacionar memória e literatura.

Halbwachs (1990) ainda diz que a memória é primordialmente coletiva, pois as lembranças estão associadas a diversos grupos e, nesses grupos, cada sujeito dá suporte e mantém vivas as lembranças do outro, de forma mútua. Dessa forma, compreende-se que diferentes indivíduos contribuem para a formação de uma memória coletiva que



representa diversas comunidades. As recordações de um povo constroem sua memória histórica e sociocultural e não seria diferente na reconstrução da memória das mulheres negras.

No Brasil, a história do sujeito feminino transcende aos papéis aos quais foi relegado – esposa e mãe –, superando o espaço doméstico e a subjugação ao masculino. No que se refere às mulheres negras, há também a superação da branquitude, como determinante de valores dominantes; assim, revisar a biografia dessas mulheres é reforçar a sua participação enquanto figura fundamental nas diferentes dinâmicas estabelecidas socialmente, determinante para a evolução e construção histórica.

Para essa reflexão, optou-se por analisar a construção da subjetividade feminina negra a partir de três personagens presentes na obra *Olhos d'água* (2016), da autora mineira Conceição Evaristo. A discussão proposta foi realizada a partir dos sujeitos femininos dos contos “Olhos d'água”, “Duzu-Querença” e “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”. Publicada em 2014, a obra *Olhos d'água* (2016) revela o impacto de um passado violento em personagens com um presente marcado pela miséria, sofrimento e exclusão. Acredita-se que essas narrativas, ao apresentarem mulheres demarcadas por seus traumas, decorrentes de sua condição marginalizada, refletem sobre o modo como essas memórias impactam na constituição de sua subjetividade, refletindo em seu presente e futuro.

Narrativas de resistência e resiliência

Em seu primeiro contato com a obra, o leitor toma conhecimento, pelo prefácio de Heloisa Gomes, de que encontrará uma “pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira.” (Gomes, 2016, p. 11). Percebe-se que a narrativa de Evaristo empreende a construção de um sujeito feminino negro que se posiciona enquanto protagonista de sua própria história; isso faz com que o leitor seja conduzido a uma investigação sobre a constituição da mulher negra em uma sociedade marcada pela discriminação e marginalização dessas figuras.

A escrita de Evaristo parte da noção de “escrevivência” (Evaristo, 2020), termo cunhado pela própria autora para abordar questões que articulam o fazer literário e as vivências de quem escreve. Evaristo (2020), em obra organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, assinala que esse conceito surge da necessidade de se repensar o passado do povo negro escravizado, narrado por mulheres negras escravizadas. Sob esse olhar, a “escrevivência” seria um modo de estabelecer uma relação entre a escrita literária e a revelação das vivências dos homens e mulheres negras na história do Brasil.

Ainda nesse sentido, ao refletir acerca do processo compositivo, Evaristo (2017) percebe as conexões entre acontecimento e invenção: “Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi



perseguir uma escrevivência.” (Evaristo, 2017, p. 11). Sendo assim, a autora, ao refletir sobre a criação da obra *Becos da memória*, reforça que sua narrativa é construída a partir da “escrevivência”, uma vez que afirma buscar a voz coletiva para se misturar à sua. Essa busca não está presente apenas em *Becos da memória*, mas em toda sua produção literária. Nessa perspectiva, sua escrita incorpora a vivência pessoal e coletiva, especialmente de mulheres negras, em um processo de resistência e afirmação identitária. Assim, Evaristo (2016) nos apresenta um feminino que se caracteriza pela luta, resistência e que, ao mesmo tempo, denuncia as marcas de um poder que mina não só a sua existência individual, mas a de toda uma coletividade.

Nesse sentido, é fundamental pontuar que a noção de sujeito existe a partir da ideia de coletividade. De acordo com Paul Ricoeur (2007), a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, pois as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Portanto, as vivências em grupo fazem parte da constituição de cada indivíduo. Esse impacto do coletivo na formação dos sujeitos é verificado no conto “Olhos d’água”, conto que abre a obra de mesmo nome.

No conto, a personagem principal, ao tentar lembrar a cor dos olhos de sua mãe, reflete sobre a miséria, a dor; um passado perpassado por marcas da marginalização da mulher negra em uma sociedade racista e desigual. A narradora busca resgatar as lembranças maternas não só para enfatizar a saudade e a dor da perda, mas também para revelar as profundas cicatrizes deixadas pela opressão e pela exclusão social:

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncio de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha bem escondida no couro cabeludo dela (Evaristo, 2016, p. 16).

No excerto acima, ao pontuar a sua rápida transição para a vida adulta, marcada pela necessidade de enfrentar suas próprias dificuldades desde cedo, a narradora, carregando a culpa por não lembrar a cor dos olhos da própria mãe, demarca uma história perpassada por uma ligação física e emocional em que as pequenas peculiaridades do corpo materno são lembradas com clareza. Percebe-se que é a presença desse corpo que vai marcar a sua memória, sendo ele o ponto de partida para o exercício de rememoração dos raros momentos próximos à mãe.

A presença do corpo materno é definida pelo trabalho, de modo que a narradora salienta que os momentos de carinho e normalidade em família só eram possíveis quando



essa conseguia um tempo livre da atividade laboral, realizada para o sustento da família. bell hooks (2018) assinala que diferente das mulheres brancas, submetidas ao labor em seu próprio lar, a mulher negra foi forçada ao trabalho externo; ela “foi explorada como uma trabalhadora dos campos, uma trabalhadora das tarefas domésticas, uma criadora de animais e como um objeto dos assaltos sexuais dos homens brancos” (hooks, 2018, p. 18).

Nessa perspectiva, entende-se que a memória da filha é perpassada pelas lembranças de um corpo feminino socialmente invisibilizado, demarcado por uma realidade de dor e luta, sempre a serviço do outro. Esse contexto remete a um cotidiano de violências física, psicológica e simbólica. A invisibilidade social desse corpo é reflexo tanto da exploração de sua força de trabalho quanto da negação de sua subjetividade, uma ação que toma a sua identidade. Nesse contexto, a lembrança da cor dos olhos da mãe é impossibilitada pela presença de lágrimas, simbolizando uma existência atravessada pela dor carregada por gerações, resultado da perpetuação da desigualdade que nega a dignidade a essas mulheres. Uma história de opressão é evidenciada por microagressões diárias, socialmente naturalizadas, que moldam a relação entre memória e subjetividade. As memórias, tingidas de melancolia, ilustram como as dinâmicas familiares são transformadas pelos mecanismos socioeconômicos, marcados pela marginalização do povo negro. Essa narrativa deixa claro que “as vivências familiares das mulheres negras exemplificam nitidamente os mecanismos de opressão racial, de gênero e de classe que configuram a vida familiar” (Collins, 2016, p. 24).

A narradora de “Olhos d’água” reitera, também, que a condição vivenciada pela mãe é transmitida de uma geração para a outra, pois a personagem se apresenta como alguém que precisa lidar com os múltiplos problemas de uma sociedade desigual desde muito jovem. Conforme tem-se acesso ao seu passado, a condição de pobreza por ela e a família vivenciada fica mais evidente:

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno espaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía (Evaristo, 2016, p. 16-17).



O trecho apresentado explora profundamente a experiência da fome e da pobreza, entretanto, é também a representação da resiliência humana e da capacidade de encontrar beleza e alegria mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Em uma realidade árdua, a mãe busca amenizar, através da imaginação, a situação para as filhas com brincadeiras que as colocam em um local em que podem ser senhoras ou rainhas, mesmo que esse seja, na realidade socioeconômica delas, de alcance distante, já que foi historicamente negado aos sujeitos periféricos que constantemente ocuparam a margem e sofreram com o silenciamento e a exclusão. Essa negação é fruto de um corpo social que perpetua desigualdades e marginalizações, o que relegou esses sujeitos a uma posição em que sua voz é desconsiderada e suas vivências são invisibilidades, tornando ainda mais significativo o ato de imaginar e criar novos espaços simbólicos de protagonismo, indo ao encontro do pontuado por Achille Mbembe (2014) acerca da importância da construção de narrativas que rompam com as estruturas históricas que silenciaram os negros.

As adversidades encontradas ao longo da vida contribuem para a formação de sujeitos que carregam o mesmo sorriso triste e perpassado por lágrimas da mãe que busca distrair as filhas da fome. Nessa perspectiva, por exemplo, a escassez de alimentos, – descrita como algo constante em suas vidas, pois as lembranças da protagonista não se referem a um evento isolado, mas sim a um fato frequente –, marca a existência de desejos ignorados e sonhos não concretizados, como o simples sonho de comida citado ainda no mesmo trecho. Essas lembranças de momentos difíceis colocam a personagem em uma posição em que a sua história pode ser confundida com a de sua mãe e reforça a noção de que existem memórias que são compartilhadas. Em relação a isso, Halbwachs (1990) atribui à memória uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade e reforça essa questão de compartilhamento. Ademais, no mesmo sentido, Candau (2023, p. 77) pontua que “Muitas de nossas lembranças existem porque encontramos eco a elas”, corroborando essa noção de coletividade. Ainda, para Michael Pollak (1989), esses eventos comuns revelam a essência da memória: “ao definir o que é comum a um grupo, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (Pollak, 1989, p. 3). Portanto, a memória colabora para o estabelecimento de laços que geram o pertencimento.

Além disso, ao apresentar as condições de sua moradia – um barraco onde colhiam as flores para suas brincadeiras –, a protagonista reforça a noção de marginalização, já que esses barracos normalmente são construídos em favelas que os separam dos centros das cidades. Esse espaço ocupado também é relevante na medida em que é nele que se constroem muitas das memórias coletivas. Milton Santos (1986), ao refletir acerca do espaço, afirma que esse “deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento” (Santos, 1986, p. 10).

Em relação a isso, a protagonista volta a citar seu barraco ao lembrar de um dia de



chuva que os coloca em uma situação de medo: “temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que nossa casa balançava com o vento” (Evaristo, 2016, p. 17). Logo, o local onde moram as coloca em uma situação de vulnerabilidade que contribui para o lamento-pranto da mãe da protagonista. É todo esse sofrimento que a faz sair de casa em busca de melhores condições de vida:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo, 2016, p. 18).

Ao recordar seus antepassados, a protagonista destaca a relevância da ancestralidade na sua formação identitária. Dessa forma, reconhece a força das mulheres que desde a África impactam na construção do seu povo, pois contribuíram para o seu fortalecimento com suas mãos, palavras e sangue. bell hooks (2019) ressalta a importância das mulheres negras na preservação e transmissão do conhecimento intergeracional. Segundo a estudiosa, elas não apenas mantêm vivas as narrativas de resistência e resiliência, mas também reconstroem continuamente a identidade cultural através de diferentes práticas cotidianas, oralidade e ativismo, desafiando a hegemonia cultural dominante e promovendo a emancipação das gerações futuras.

Em exercício de reforço de que não esquece das senhoras que compartilharam tantas sabedorias, a personagem salienta o afirmado por Pollak (1989) de que manter a coesão interna e defender as fronteiras que um grupo tem em comum são funções essenciais da memória comum. Essa coesão gera o sentimento de pertencimento e marca as identidades individuais a partir de uma conexão com o coletivo.

Assim como a protagonista de “Olhos D’água”, a personagem feminina apresentada em “Duzu-Querença” também tem sua vida marcada pela pobreza. A fome da menina é revelada no início da narrativa quando, ao pegar uma lata e a encontrar vazia, imagina que nela ainda existe alimento: “Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita” (Evaristo, 2016, p. 31). Assim como no conto anteriormente analisado, há um feminino que precisa recorrer à imaginação para esquecer da sensação de fome.

Além disso, outro ponto que se repete em “Duzu-Querença” é a necessidade de sair da cidade natal em busca de melhores condições de vida. É o pai da menina quem percebe que “Era preciso também dar outra vida à filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura” (Evaristo, 2016, p. 32). Desse modo, com a esperança de transformação, a menina se muda

para trabalhar: “Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos” (Evaristo, 2016, p. 32).

Outro ponto de semelhança desse feminino ao da personagem-narradora analisada anteriormente é o de que as funções por elas desempenhadas eram as mesmas – lavar e passar. Esses pontos em comum mostram a repetição de certos acontecimentos quando são retratadas personagens femininas negras. Nesse sentido, Vania Vasconcelos (2014) assinala que as mulheres negras no Brasil sempre ocuparam posições específicas que lhes permitiram perceber os mecanismos de opressão de gênero, classe e raça. Isso se deve ao fato de estarem frequentemente em locais sociais invisíveis, nos quais enfrentavam diretamente os conflitos e tensões decorrentes dessas diferenças, tanto em ambientes domésticos quanto públicos.

Embora sair de casa tenha sido uma ação motivada pela esperança de uma existência mais digna que seria alcançada a partir do estudo, a história de Duzu será diferente daquela anteriormente prevista. Na cidade, enquanto sujeito marginalizado, suas expectativas e esperanças são massacradas e a personagem acaba se tornando prostituta, tendo sua vida marcada, permeada por ainda mais traumáticas memórias:

Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pelas cidades. [...] Três netos lhe abrandavam os dias. [...] E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido... (Evaristo, 2016, p. 34).

A repetição da violência sofrida pelas mulheres reforça as lembranças que as colocam em uma posição de vulnerabilidade. Além de enfrentarem a pobreza, são também submetidas a diferentes tipos de violência, tão presentes no seu cotidiano; essa realidade acaba por colocar Duzu em uma posição de costume aos abusos sofridos, já que não há chance para seu grito por socorro – ela não será ouvida, como nunca foi. Salienta-se que essa realidade vai ao encontro do pontuado por Lélia Gonzalez (1979); essa afirma que a exclusão da mulher negra no Brasil foi marcada principalmente por dois papéis sociais atribuídos a elas: o de domésticas e o de mulatas. Enquanto as domésticas eram vistas como estando em seu lugar natural ao servir, seja como empregadas domésticas, faxineiras ou merendeiras, a categoria mulata colocava a mulher negra na condição de objeto sexual a ser consumido por homens, principalmente os brancos (Gonzalez, 1979).

A vida de Duzu continua, apesar da repetição do sofrimento. Contudo, as novas gerações, os seus netos, surgem como possibilidade de mudança, ao retomarem sonhos e desejos de seus antepassados. É válido mencionar que espaços à margem são continuamente ocupados pelos membros da família de Duzu; da mesma forma, em “Olhos D’água”, a favela é apresentada como um local habitado pelas personagens retratadas. Em relação a isso, Halbwachs (1990) reafirma a relação entre espaço e memória:



Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. Diremos que não há, com efeito, grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha qualquer relação com um lugar, isto é, com uma parte do espaço [...] (Halbwachs, 1990, p. 143).

Por conseguinte, o espaço impacta nas memórias e a favela é recorrentemente apresentada nas narrativas com sujeitos femininos negros porque esse local foi ocupado a partir da exclusão a que determinados grupos sociais foram submetidos. Todavia, segundo Simone Schmidt (2017), ao resgatar e valorizar a memória dos moradores da favela de maneira contrária aos estereótipos atribuídos aos subalternos em nossa sociedade, realiza-se uma estratégia de significativo impacto político e cultural. Isso possibilita ao leitor brasileiro, que carece de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, compreender melhor, como aponta Regina Dalcastagnè (2008), o que é ser negro no Brasil; essa noção é atravessada por uma história de exclusão e desigualdade, responsável pela construção de condições materiais e narrativas culturais sobre os negros no país. Uma identidade marcada pela violência do passado colonial. Todavia, ser negro no Brasil é também ser resistência às opressões por meio da valorização da memória ancestral, criando novos horizontes de futuro e de pertencimento, como observado na trajetória de Duzu.

É nesse contexto que o retorno de Duzu ganha um significado mais profundo na narrativa: “Era preciso ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro.” (Evaristo, 2016, p. 35). Nessa perspectiva, esse retorno funciona enquanto um resgate simbólico de seu espaço de pertencimento e de suas raízes. Ao transformar sua dor em ação criativa, ao confeccionar uma fantasia de estrela, ele faz do passado um instrumento para projetar um futuro diferente, para si e para as gerações que a sucederão: “Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer” (Evaristo, 2016, p. 36). Essa situação evidencia o fato de que o passado jamais é esquecido por Duzu que encontra no exercício de recuperação da memória de seus ancestrais um modo de realizar os sonhos que passam de geração para geração. Nesse ponto, é em meio a rememoração de seus antepassados que uma possibilidade de mudança é apresentada. O trecho abaixo sugere que o passado é, portanto, guia da construção de uma memória voltada para o presente e em benefício desse presente:

E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe,



seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho... Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar histórias. Buscou na memória o nome de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene [...] Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo [...] E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela [...] A luta deveria ser maior ainda (Evaristo, 2016, p. 36-37).

Durante toda a vida de Duzu, as experiências de seu povo impactaram na sua formação individual. Momentos antes de sua morte, sua ancestralidade ocupa posição de destaque para fortificar a história de um grupo, construída não apenas por ela, mas por todos os que estão presentes em suas memórias. Essa história é repassada para Querença que, mesmo não tendo conhecido alguns de seus antepassados, sentia o peso desses em sua vida, reconhecendo que jamais poderia ser dissociada das narrativas destas outras pessoas, que impactaram na formação do grupo ao qual pertence.

Deste modo, Querença percebe o peso e a importância de todas as memórias que foram a ela repassadas e assume um dos pontos destacados por Pollak (1989) como função positiva desempenhada pela memória: o reforço da coesão social. Essa afirmação é possível na medida em que, ao analisar a vida e experiências passadas da avó, a menina Querença assume para si o papel de manter vivos sonhos há muito tempo imaginados, mas que nunca se fizeram realidade. O final nos remete a uma sensação de esperança de que a história desse povo pode ser outra, já que, ao estudar e passar seu conhecimento aos demais moradores da favela, Querença poderia colaborar para a escrita de uma vida diferente e quebrar com as amarras impostas por um grupo dominante.

À vista disso, Querença apresenta a criação de uma nova consciência a partir da força de uma voz feminina negra. Ao pensar nos demais moradores do espaço em que está inserida, a favela, Querença aponta a possibilidade de existência de um coletivo empoderado, já que “o espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento” (Santos, 1986, p. 10). Assim, esse lugar, que leva a uma consciência de pertencimento, pode ser capaz de mudar sua história e de criar uma realidade que quebra com o ciclo de dificuldades a que seu povo foi submetido ao longo dos anos. Sendo assim, ao perceber como sua vida é permeada por memórias e verificar a necessidade de contribuir para a construção de um coletivo forte, a personagem já trilha os primeiros passos para uma mudança: compartilhamento de saberes a fim de investir em educação dentro do espaço em que está inserida. É interessante pontuar que personagens de outras obras de Evaristo também percebem a educação como um caminho para a mudança: esse é o caso de Maria-

Nova de *Becos da memória* cuja “força das palavras, da memória e da narrativa são as armas encontradas” (Schmidt, 2017, p. 185).

Portanto, a consciência e ações da personagem do conto apontam para a construção de uma nova realidade para si e para os que a cercam. Nesse sentido, entende-se que as memórias subterrâneas, retomadas pela personagem, desafiam a narrativa dos grandes feitos históricos e permitem a criação de outras histórias que podem, conforme Pollak (1989), surgir da experiência da periferia e da marginalidade e subverter silêncios. Este movimento de trazer à tona memórias anteriormente silenciadas estabelece uma escuta das vozes dos espoliados e daqueles que sofrem com a pobreza extrema.

Essa esperança é ainda apresentada no último conto da obra: “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”. Uma comunidade em crise é rememorada a partir do nascimento da personagem feminina Ayoluwa, responsável por devolver a alegria a um povo que passou por muito sofrimento. Essa narrativa revela a memória coletiva de um grupo que já havia passado por muita escassez. Assim, os anseios da comunidade são apresentados na literatura de Evaristo expressando a história, dificuldades e realidade do sujeito negro.

Conforme Jurema Werneck (2016), a mulher negra tem muitas formas de estar no mundo, mas predomina um contexto desfavorável, de discriminações, pobreza, baixa escolaridade, subempregos e violações de direitos humanos e é por isso que as mulheres negras buscam “formas de ser no mundo. De contar o mundo como forma de apropriarmos dele” (Werneck, 2016, p. 14). Dessa forma, os contos da obra de Evaristo cumprem o papel de mostrar as múltiplas vivências da mulher negra e colaboram para que a literatura expresse formas de apropriação do mundo a partir de um olhar capaz de compreender as lutas e dores de um povo, destacando um passado em que as mulheres negras são caracterizadas também por sua resistência ao tráfico de africanos, à escravidão, ao racismo e à discriminação. Essa resistência foi viabilizada, em grande parte, pelas práticas de construção e reconstrução de uma memória coletiva, sustentada pela oralidade e pelo corpo, como vemos em “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”:

Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. [...] Todos estavam enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. [...] E pediam veemente à vida que esquecesse delas e que as deixasse partir. Foi com esse estado de ânimo que muitas delas empreenderam a derradeira viagem: vovó Amina, a pacífica, tia Sele, a mulher forte como um elefante, mãe Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira, e ainda Malika, a rainha. Com a ida de nossos mais velhos ficamos mais desamparados ainda. E o que dizer para os nossos jovens, a não ser nossas tristezas? (Evaristo, 2016, p. 112).

O trecho mostra que todas as lutas daquele grupo culminaram em um sentimento de derrota em que a desistência parecia ser a única opção possível. Dentro da comunidade,



como se percebe no decorrer do conto, até mesmo as poderosas mulheres nomeadas são invadidas pela sensação de impotência. Nesse cenário, a preocupação é o que será deixado como memória, uma vez que a crise é descrita no grupo a partir de uma volta a um passado, a uma memória de um tempo em que “tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo” (Evaristo, 2016, p. 111). Dessa forma, a necessidade de superar esse tempo de carência permeia a narrativa, esses sujeitos não querem guardar apenas tristeza, e a solução vem a partir de um futuro nascimento:

E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. [...] todos se engravidaram da criança nossa, do que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida desse já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais (Evaristo, 2016, p. 113-114).

As preocupações são coletivas e compartilhadas nas rodas de fala da comunidade, bem como a solução é dividida e sentida por todo o grupo. Por conseguinte, é uma personagem feminina que faz a alegria e esperança retornarem para aquela comunidade já que “quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia procurando a solução” (Evaristo, 2016, p. 114). Portanto, ainda que existam reminiscências de um passado de amarguras, é essencial buscar por mudanças a fim de transformar o presente dos descendentes de um passado que permeia constituições identitárias.

Nesse sentido, é pertinente refletir acerca das memórias que um povo carrega e expressá-las no âmbito literário. Conforme Pollak (1989), ao analisarmos o papel da memória, percebemos que “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (Pollak, 1989, p. 10). À vista disso, a construção de narrativas que destacam a relevância da memória para esse sentido identitário é crucial na medida em que contribui para a discussão da formação dos indivíduos.

Considerações finais

A partir do exposto, constata-se a importância da memória ao longo dos contos; as narrativas revelam uma compreensão e uma valorização de experiências femininas, de maneira a reforçar a noção de que essas são sujeitos fundamentais para a formação de uma cultura negra como um espaço dinâmico de criação e luta, marcado por uma constante reinvenção identitária (Hall, 2003). Os contos analisados ressaltam que a memória dessas mulheres não é composta apenas de dores, mas também de lutas por seu empoderamento e tomada de espaço em uma sociedade que constantemente as silencia. A obra narra a sua resistência e sua notável capacidade, mesmo em um cenário tão restritivo, de se constituírem como sujeitos e de produzirem conhecimento, destacando uma história



importante para o presente e o futuro da negritude enquanto um movimento de afirmação da subjetividade negra a partir do reconhecimento de sua multiplicidade (Mbembe, 2014).

O recorte feito neste estudo trata acerca da construção das mulheres negras nos contos de Conceição Evaristo. Assim, percebe-se que essas narrativas são atravessadas por questões da memória e da ancestralidade. Destarte, a escrita da autora coloca em evidência corpos e condições que expressam uma experiência negra no Brasil. Assim, é possível afirmar que os contos analisados da obra *Olhos d'água*, ao apresentarem personagens femininas diversas, que compartilham a subjugação, desvelam problemas historicamente enraizados na sociedade brasileira.

Sendo assim, Evaristo sinaliza a existência desses problemas em sua literatura e, ao apontar possibilidades de mudanças, convida a uma reflexão acerca das possíveis formas de romper com a subordinação a que determinados grupos sociais são submetidos. Nessa perspectiva, compreende-se que a escritora apresenta uma memória coletiva que abrange mais do que apenas as mulheres negras, mas que necessita ser narrada também por elas. Dessa forma, levando em consideração a discussão sobre o impacto da memória nos contos da autora, entende-se a importância da análise do passado enquanto um modo de compreensão tanto do presente quanto dos caminhos futuros da mulher negra ao passo que esse é um ponto essencial para se construir futuros de maior visibilidade para todos os sujeitos negros no Brasil.

Referências

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Gragoatá**, 13(24) n. 1, p. 203-219, 2008.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.



GOMES, Heloisa Toller. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro; Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 9-11.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 8., 1979, Pittsburgh. **Anais [...]** Pittsburgh, 1979. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidad_e_e_trabalho.pdf. Acesso em: 25 de maio 2024.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. *In*: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organizado por Liv Sovik; 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 387-409.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1990.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Trad. de Ana Luísa Libânio. São Paulo: Editora Rosa dos Ventos, 2018.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo**. Trad. de Libanio Bhuvi. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SCHMIDT, Simone Pereira. Posfácio: a força das palavras, da memória e da narrativa. *In*: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 185-190.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. **No colo das labás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas**. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária. Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/16641>. Acesso em: 30/05/2024

WERNECK, Jurema. Introdução. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro; Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p.13-14.

NOTAS DE AUTORIA

Ariane Avila Neto de Farias (ariane.farias@iffarroupilha.edu.br) é doutora em Letras, com ênfase em História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Possui graduação em Letras, com habilitação em português, inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e mestrado em Letras, com ênfase em Literatura Comparada, pela Universidade Federal de



Pelotas (UFPel). Atualmente, é professora de português e inglês no Instituto Federal Farroupilha, campus Frederico Westphalen.

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira (liliansilveira@ifsul.edu.br) é doutora em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Possui mestrado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e graduação no curso de Licenciatura em Letras – habilitação em Português-Inglês e respectivas literaturas (2014) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente é professora do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul), campus Avançado Jaguarão.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SILVEIRA, Lilian Greice dos Santos Ortiz da; FARIAS, Ariane Avila Neto de. Memórias que constituem a subjetividade feminina negra em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-15, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 17/07/2024

Revisões requeridas em: 11/11/2024

Aprovado em: 23/03/2025

Publicado em: 07/04/2025

